

# Epistemologías del Sur

## Epistemologias do Sul

Coordinadoras | **Maria Paula Meneses y Karina Bidaseca**

Boaventura de Sousa Santos | Maria Paula Meneses

Mario Rufer | Maria Antonieta Antonacci

Ivani Ferreira de Faria | Karina Bidaseca

João Arriscado Nunes | Juan Carlos Gimeno Martín

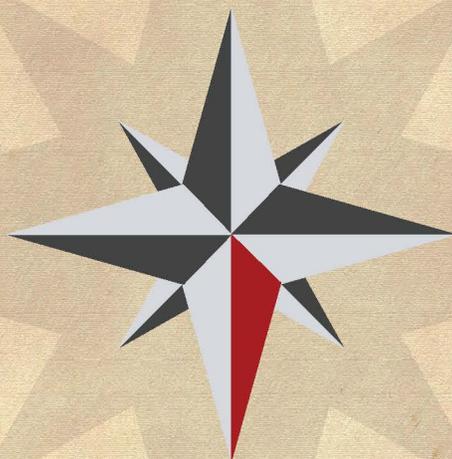
Ángeles Castaño Madroñal | Nilma Lino Gomes

Jorge Ramos Tolosa | Jason Keith Fernandes

Rosalva Aída Hernández Castillo | Sara Araújo

Orlando Aragón Andrade | Gladys Tzul Tzul

Teresa Cruz e Silva | Leonardo Avritzer | Alfredo Ramos





**EPISTEMOLOGÍAS DEL SUR**  
*EPISTEMOLOGIAS DO SUL*

Epistemologías del Sur - Epistemologias do Sul / Boaventura De Sousa Santos ... [et al.]; coordinación general de María Paula Meneses; Karina Andrea Bidaseca - 1a ed . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Coímbra: Centro de Estudos Sociais - CES, 2018.

Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online  
ISBN 978-987-722-394-1

1. Epistemología. 2. Ciudadanía. 3. Negros. I. De Sousa Santos, Boaventura II. Meneses, María Paula, coord. III. Bidaseca, Karina Andrea, coord.  
CDD 121

Otros descriptores asignados por CLACSO:

Pensamiento Crítico / Pensamiento Descolonial / Descolonización / Independencia / Democracia / Estado / Movimientos Sociales / Emancipación / Eurocentrismo / América Latina

# **EPISTEMOLOGÍAS DEL SUR** *EPISTEMOLOGIAS DO SUL*

**Maria Paula Meneses y Karina Bidaseca**  
**(Coordinadoras)**

**Boaventura de Sousa Santos**  
**Maria Paula Meneses**  
**Mario Rufer**  
**Maria Antonieta Antonacci**  
**Ivani Ferreira de Faria**  
**Karina Bidaseca**  
**João Arriscado Nunes**  
**Juan Carlos Gimeno Martín**  
**Ángeles Castaño Madroñal**  
**Nilma Lino Gomes**  
**Jorge Ramos Tolosa**  
**Jason Keith Fernandes**  
**Rosalva Aída Hernández Castillo**  
**Sara Araújo**  
**Orlando Aragón Andrade**  
**Gladys Tzul Tzul**  
**Teresa Cruz e Silva**  
**Leonardo Avritzer**  
**Alfredo Ramos**

### CLACSO - Secretaría Ejecutiva

**Pablo Gentili** - Secretario Ejecutivo

**Pablo Vommaro** - Director de Grupos de Trabajo, Investigación y Comunicación

**Nicolás Arata** - Director de Formación y Producción Editorial

### Núcleo de producción editorial y biblioteca virtual

**Lucas Sablich** - Coordinador Editorial

### Núcleo de diseño y producción web

**Marcelo Giardino** - Coordinador de Arte

**Sebastián Higa** - Coordinador de Programación Informática

**Jimena Zazas** - Asistente de Arte

Creemos que el conocimiento es un bien público y común. Por eso, los libros de CLACSO están disponibles en acceso abierto y gratuito. Si usted quiere comprar ejemplares de nuestras publicaciones en versión impresa, puede hacerlo en nuestra Librería Latinoamericana de Ciencias Sociales.



**Biblioteca Virtual de CLACSO** [www.biblioteca.clacso.edu.ar](http://www.biblioteca.clacso.edu.ar)

**Librería Latinoamericana de Ciencias Sociales** [www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana](http://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana)

**CONOCIMIENTO ABIERTO, CONOCIMIENTO LIBRE.**

### Primera edición

*Epistemologías del Sur / Epistemologias do Sul* (Buenos Aires: CLACSO/Coimbra: CES, noviembre de 2018).

ISBN 978-987-722-394-1

© Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales | Queda hecho el depósito que establece la Ley 11723.

### CLACSO

**Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais**

Estados Unidos 1168 | C1023AAB Ciudad de Buenos Aires | Argentina

Tel [54 11] 4304 9145 | Fax [54 11] 4305 0875 | <clacso@clacsoinst.edu.ar> | <www.clacso.org>

Patrocinado por la Agencia Sueca de Desarrollo Internacional



La responsabilidad por las opiniones expresadas en los libros, artículos, estudios y otras colaboraciones incumbe exclusivamente a los autores firmantes, y su publicación no necesariamente refleja los puntos de vista de la Secretaría Ejecutiva de CLACSO.

# ÍNDICE

<b>Maria Paula Meneses y Karina Bidaseca</b> Introdução: As Epistemologias do Sul como expressão de lutas epistemológicas e ontológicas		11
---	--	----

## PARTE I

### **Retos a la descolonización desde las Epistemologías del Sur** *Desafios à descolonização desde as Epistemologias do Sul*

<b>Boaventura de Sousa Santos</b> Introducción a las Epistemologías del Sur		25
<b>Maria Paula Meneses</b> Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique		63
<b>Mario Rufer</b> El archivo, la fuente, la evidencia: De la extracción a la ruptura poscolonial		85
<b>Maria Antonieta Antonacci</b> Corpos negros: “Arquivo vivo” em epistême de “lógica oral”		111

<b>Ivani Ferreira de Faria</b> Metodologías participantes e coñecemento indígena na Amazônia: Propostas interculturais para a autonomía	133
<b>Karina Bidaseca</b> Etnografías feministas post-heroicas. Escrituras en los cuerpos racializados	165
<b>João Arriscado Nunes</b> O resgate da Epistemología	183
<b>Juan Carlos Gimeno Martín y Ángeles Castaño Madroñal</b> Antropología comprometida, antropologías de orientación pública e descolonialidade. Desafíos etnográficos e descolonización das metodologías	211

## PARTE II

### **Movimientos y retos a la ampliación de la ciudadanía** *Movimentos e desafios para a expansão da cidadania*

<b>Nilma Lino Gomes</b> O movemento negro no Brasil: Ausências, emerxencias e a produción dos saberes	235
<b>Juan Carlos Gimeno Martín</b> Noticias de un pueblo. Una investigación demandada por y realizada con el pueblo Saharaui	253
<b>Jorge Ramos Tolosa</b> Propuestas para decolonizar Palestina-Israel	273
<b>Jason Keith Fernandes</b> Os enigmas da cidadania	299
<b>Rosalva Aída Hernández Castillo</b> Algunos aprendizajes en el difícil reto de descolonizar el feminismo	313
<b>Sara Araújo</b> O primado do dereito e as exclusões abissais. Reconstruir velhos conceptos, desafiar o cânone	347
<b>Orlando Aragón Andrade</b> Traducción intercultural y ecología de saberes jurídicos en la experiencia de Cherán, México. Elementos para una nueva práctica crítica y militante del derecho	367

<b>Gladys Tzul Tzul</b> Sistemas de gobierno comunal indígena: La organización de la reproducción de la vida	385
<b>Teresa Cruz e Silva</b> Os desafios impostos pela sobrevivência	397
<b>Leonardo Avritzer y Alfredo Ramos</b> Democracia, escala y participación. Reflexiones desde las instituciones participativas brasileñas	429
<b>Sobre los autores y las autoras</b>	459
<b>Sobre las coordinadoras</b>	467



## INTRODUÇÃO

# AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL COMO EXPRESSÃO DE LUTAS EPISTEMOLÓGICAS E ONTOLÓGICAS

Maria Paula Meneses  
Karina Bidaseca

*AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL* como expressão de lutas epistemológicas e ontológicas espelha os debates que compõem este volume. Trata-se de um conjunto de textos de vários dos professores que participam, desde há várias edições, num dos cursos de *e-learning* coorganizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES) e pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), intitulado *Justiça entre saberes: as epistemologias do Sul e os saberes nascidos nas lutas*.

Especificamente, este livro chama a atenção para imensa experiência de saberes realizados e testados nas lutas, nesse espaço tão amplo que é o Sul global. Na origem deste desafio estão as inquietações de Boaventura de Sousa Santos, que, em linha com muitos outros intelectuais inquietos com a crescente exaustão do modelo analítico racional moderno, propôs o desafio de ir para Sul e trabalhar com o Sul (1995: 508). Este Sul revela um pluriverso amplo de saberes, sendo uma metáfora de encontros, confrontos e polinização de saberes.

Num tempo caracterizado por perguntas fortes e respostas fracas, o encontro com a diversidade do Sul suscita múltiplas questões a que os textos que integram este volume procuram responder: porque razão, nos últimos séculos, a epistemologia dominante eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e

reprodução do conhecimento? Será a diversidade de ciência o resultado de um pluralismo epistemológico? Ou será que a razão desta diversidade tem origens ontológicas, uma diversidade resultante da heterogeneidade do mundo? Como reconhecer outras epistemologias e gerar diálogos entre elas? Qual o papel das universidades públicas na produção de um saber comprometido com a transformação social?

O legado da ideologia colonial, intimamente associado à dominação capitalista e patriarcal é tão pesado que, nos espaços do Sul, os subalternos oprimidos não têm o direito à voz, a exprimir os seus saberes e a falar das suas realidades e experiências. Ou se contam, estes saberes mantêm-se como referentes locais, dotados de um valor particular, útil apenas para o contexto que o produz. Como consequência da repressão e da marginalização de outros conhecimentos para além da racionalidade científica, gera-se uma “ignorância sancionada” (Spivak, 1985: 6), possível apenas num contexto social onde aqueles que têm o privilégio de beneficiar de uma visão hegemónica de mundo protegem estes privilégios e as estruturas de saber e de poder que os sancionam, rejeitando e desqualificando outras cosmovisões (ou epistemas). Estes ataques ocorrem quer a nível individual quer institucional, de forma passiva ou ativa. Se no caso passivo há uma recusa em reconhecer, aprender e conhecer os epistemas marginalizados, no segundo há uma negação ativa em conhecer estes estudos.

Desafiando estas posições epistémicas e políticas, as epistemologias do Sul assentam no princípio de uma ecologia de saberes e, por isso, não concedem privilégios epistemológicos a qualquer forma de saber. Trata-se de gerar as condições essenciais para que se supere a hegemonia epistemológica do Norte global. Para tal, é imperativo ir para o Sul e aprender do Sul, não do Sul imperial (que reproduz no Sul a lógica do Norte tomada como universal), mas do Sul anti-imperial, metáfora do sofrimento humano sistemático e injusto causado pelo capitalismo global e a resistência contra ele (Santos, 2014: 42). Neste contexto, é fundamental caracterizar as exclusões abissais nas suas múltiplas metamorfoses, para identificar e potenciar as epistemologias do Sul. Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos,

As epistemologias do Sul dizem respeito à produção e validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência [e luta] dos grupos sociais que têm experimentado injustiças, opressões e destruições sistemáticas praticadas pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado. O vasto e diversificado campo de tais experiências é designado por “Sul anti-imperial”. É um Sul epistemológico e não geográfico, composto por muitos suís epistemológicos que têm em comum o fato

de que todos eles serem conhecidos nas lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Estes seus são produzidos onde ocorrem as lutas, tanto no Norte geográfico como no Sul geográfico. O objetivo das epistemologias do Sul é permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo por si mesmo nos seus termos, pois somente assim serão capazes de mudá-lo de acordo com suas próprias aspirações (Santos, 2017a: 74).

Neste contexto, a ciência moderna é, também, parte das Epistemologias do Sul, na medida em que consegue dialogar, de forma tendencialmente horizontal, com outros conhecimentos, socialmente legítimos, promovendo uma ecologia de saberes. Mas, tal como os outros saberes, não detém o estatuto de único saber válido. No cerne das epistemologias do Sul está a proposta da ecologia de saberes, condição fundamental para um pensamento pós-abissal. A partir da ecologia de saberes, do reconhecimento de que qualquer tipo de conhecimentos é incompleto, é possível criar e ampliar uma consciência recíproca desta incompletude (em lugar de completitude), através de uma escuta profunda de outros saberes. Assim se constroem espaços para alcançar e promover a justiça cognitiva (Meneses, 2009).

Ir para Sul passa, pois, por caracterizar, através de exemplos, como as exclusões abissais marcam o nosso mundo e dificultam visibilizar e dar poder a propostas emergentes, que procuram romper com o pensamento abissal. O conjunto de artigos que integram esta antologia procuram contribuir, em diálogo, para as epistemologias do Sul, com o propósito de desafiar o paradigma racional que predomina no Norte global e que reconhece apenas uma forma de conhecimento rigoroso, a ciência. De facto, as epistemologias do Norte não são apenas epistemologias, são uma política de conhecimento, essencial para a consagração da modernidade eurocêntrica e do seu impacto nos espaços coloniais<sup>1</sup>.

Neste livro o leitor encontrará, por um lado, alguns dos problemas que caracterizam o Sul global, enquanto desafio epistémico amplo. Por outro lado, deparará com iniciativas e alternativas de diálogos epistémicos que desafiam a centralidade exclusiva da racionalidade científica moderna. Estes ensaios entabulam um diálogo produtivo com as Epistemologias do Sul, com o objetivo de propor novos paradigmas teóricos e políticos para a transformação social, baseados nas inovações em curso no Sul Global.

---

1 Os principais elementos que caracterizam as Epistemologias do Norte incluem: privilégio da experiência do mundo em lugar da experiência do mundo; a separação total entre sujeito e objeto; afirmação de que o objetivo do conhecimento é a produção de uma verdade única; procura de um rigor que é observado através de regularidades e leis (Santos, 2014).

Presente em muitos dos trabalhos que reportam a realidades de quatro continentes (África, Américas, Ásia e Europa), está um sentimento de exaustão histórica e política do moderno projeto eurocêntrico. Após mais de cinco séculos “ensinando” o mundo, as crises sociais, económicas, financeiras e políticas que têm avassalado a Europa nos últimos anos têm revelado que o projeto europeu parece incapaz de resolver os seus próprios problemas.

O sentimento de esgotamento do modelo político europeu está intimamente associado ao esgotamento do modelo racionalista que está na origem do projeto Iluminista eurocêntrico. Este foi responsável por uma tradição de dominação política e cultural, que submeteu a diversidade de conhecimento no mundo, do sentido da vida e das práticas sociais, a uma visão eurocêntrica. O aprofundar do paradigma dominante — da racionalidade científica — tem permitido, ao longo das últimas décadas, identificar a fragilidade dos pilares em que este assenta, ou seja, um saber que não responde a muitos dos anseios científicos e sociais contemporâneos (Santos, 1987; Santos, Meneses e Nunes, 2004).

A crise do modelo racionalista acontece em paralelo com a diminuição do perfil e da presença europeia (e do Norte global), e com a expansão e/ou retorno de outros atores, com outras referências epistémicas, na cena global. Apesar de em vários quadrantes surgirem vozes que afirmam que não há alternativas ao modelo atual, como este volume aponta, uma enorme diversidade de buscas de alternativas ao pensamento hegemónico da ciência moderna. Este último foi responsável por uma tradição de dominação política e cultural, que submeteu a diversidade de conhecimento no mundo, do sentido da vida e das práticas sociais, a uma visão colonial e eurocêntrica, como vários textos deste volume sugerem. Associada ao sentimento de exaustão está um outro elemento importante, a arrogância imperial europeia que a impede de aprender de outras experiências não-europeias, isto é, a partir do Sul global. Apesar de reconhecer a diversidade de experiências que testemunham a enorme diversidade histórica do mundo, a Europa não consegue refletir, de forma produtiva e construtiva, sobre esta diversidade, usando-a para encontrar soluções para os seus próprios problemas. Na raiz desta incapacidade está a persistência de preconceitos coloniais profundamente arraigado na esfera epistemológica, que se mantém para lá do final de muitas situações de colonialismo histórico. São estes preconceitos que comprometem a busca de soluções para as crises atuais (política, cultural, económica, financeira, de direitos humanos, etc.), inspiradas em soluções desenvolvidas noutros contextos. Durante vários séculos, a Europa viu-se como a chave para os problemas de um mundo, uma posição problemática,

que exige uma análise detalhada. Porque não contam, para o norte, os saberes do Sul? Como vários e várias autores e autoras insistem, urge aprender do Sul, dos conhecimentos e experiências que têm sido marginalizadas como tradicionais, locais, desatualizadas, em função de um pensamento abissal, inerente ao racionalismo moderno (Santos, 2014). Dar espaço ao Sul significa “provincializar o mundo”, como sublinha Dipesh Chakrabarty (2000), desmantelando, desconstruindo e descolonizando as epistemologias do Norte. Desta forma, assumindo a pesquisa e a produção do conhecimento como processos éticos e políticos, comprometidos com lutas, a própria investigação tem de ser feita de outra forma, com as pessoas, e não sobre as pessoas, num desafio aberto a pesquisa extrativista (Santos, 2018). A pesquisa feita com o Sul e a partir do Sul obriga a inflexões políticas e epistêmicas importantes: as questões de partida são construídas em diálogo, as prioridades organizadas em função dos interesses e prioridades do Sul, e os problemas definidos de forma a que os sujeitos do Sul participem como agentes e não objetos.

Em linha com os objetivos das Epistemologias do Sul, os silenciamentos e as ocultações de luta das mulheres e a dos sujeitos colonizados são um dos temas que atravessam este volume. São pessoas, lutas e saberes que reivindicam o desejo de terem voz, de serem reconhecidos como sujeitos do pluriverso em que vivemos<sup>2</sup>. Nos tempos que correm, num desafio às representações capitalista, coloniais e patriarcais, parte importante do projeto de redefinição da identidade passa pela escolha do/a subalterno/a da significação a dar ao corpo, em vez de manter caracterizações que haviam sido “tradicionalmente” atribuídas. A racialização dos corpos e identidades dos colonizados continuam, em muitos contextos, ainda presentes, sinal da presença de um colonialismo insidioso, mantendo-se os atos de genocídio (situação associada a repetidos atos de epistemicídio) e feminicídio (Bidaseca, 2017, 2018).

É esta transformação do “Outro” num corpo amorfo, sem saberes e incapaz de produzir riqueza, que vai estar no centro das reivindicações ontológicas e epistemológicas no Sul global, uma reivindicação política fundamental. O processo de (re)criação da subjetividade destes sujeitos é mais flexível, culturalmente repleto de significados polivalentes<sup>3</sup>. Os tempos contemporâneos oferecem múltiplas opor-

---

2 Sobre a utilidade do conceito de pluriverso veja-se Masolo (2014) e Escobar (2018).

3 As categorias binárias dominantes masculino/feminino; branco/preto não são definidas apenas biologicamente, são também condicionadas histórica e politicamente. As categorias que se inscrevem nos corpos, como raça, etnia e gênero, são distintas, embora às vezes se cruzem e/ou se sobreponham. E estas categorias não podem ser

tunidades para recuperar as subjetividades dos corpos colonizados, alterando, por vezes radicalmente, a sua significação e sua localização como produção de saber, para além da representação imposta pelo pensamento abissal e das possibilidades de “emancipação” que as falhas desse pensamento permitem.

Quer através de um vibrante ativismo, quer de trabalhos académicos, os movimentos feministas e os estudos de género, nas últimas décadas acrescentaram um novo espaço de debate que atravessa várias áreas, da história à filosofia, do direito a várias áreas da ciência, como a medicina, a biologia, etc. Ao longo desta caminhada os desafios encontrados foram vários, exemplo da complexidade envolvida nos saberes gerados pelas lutas sociais e a dificuldade em traduzi-los para ampliar a diversidade de saberes, evitando cair nos reducionismos e representações ambíguas.

Outro dos temas transversais neste volume é o da crise ambiental, que muitos designam por crise do Antropoceno. Décadas de crises financeiras endémicas, de salários reais estagnados e de direitos sociais subtraídos, de sobre-exploração das pessoas e recursos do Sul global, produziram uma desigualdade planetária de tal ordem que, de acordo com o relatório da Oxfam de 2017, oito homens, que encarnam o Norte global, detêm a mesma riqueza que a metade mais pobre da população mundial. Várias regiões do mundo são atravessadas por conflitos armados de extrema violência, contribuindo para uma realidade em que uma em cada cem pessoas no planeta viva como refugiada (Connor e Krogstad, 2016), a maior porção da população mundial deslocada referenciada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Neste estado de exceção, o aparato repressivo visa não apenas “terroristas perigosos” e “ilegais” (trabalhadores migrantes indocumentados), mas também cidadãos cumpridores da lei, rapinando os seus direitos, salários e pensões (Santos, 2017b: 241).

No campo ambiental, são vários os estudos que alertam para a forte probabilidade do sistema socioeconómico em que vivemos contribuir a curtíssimo prazo para que as temperaturas subam acima do limiar de dois graus centígrados, acelerando os perversos e irreversíveis efeitos de mudança climática global. Muitos destes sinais não são novos, mas a forma como eles se articulam entre si gera níveis

---

definidas como secundárias ou periféricas. Porque não é possível haver uma representação abstrata, universal do corpo, uma possível solução é referir todos os marcadores de identidade como parciais, provisórios e suscetíveis de alteração dependendo do contexto ou do sistema de sentidos em que operam num dado espaço-tempo específico (Gilbert e Tompkins, 2002: 206). Essa opção abre a porta ao “essencialismo estratégico” de que fala Gayatri Spivak (1988: 205) — ou seja, em situações específicas, o (re)conhecimento de diferenças essenciais para recuperar sujeitos marginalizados.

dramáticos de vulnerabilidade social, produzindo turbulência institucional e dramatizando as exigências políticas, onde se incluem o retorno de movimentos racistas, fascistas e de uma outra direita. As atividades destes movimentos têm sido crescentemente acompanhadas de violência física e simbólica, patente nos ataques raciais, xenófobos e sexistas que têm provocado, dando razão a Franz Fanon que define a violência colonial-capitalista como “a violência em estado bruto” (1961: 47). Num outro patamar, a violência capitalista, associada ao colonialismo expresso tem levado à expulsão de camponeses e de povos indígenas das suas terras para abrir caminho aos megaprojetos mineiros e agroindustriais e à especulação imobiliária, assim como ao tráfico de pessoas e de órgãos, e ao trabalho escravo. Habitando em zonas de sacrifício, zonas de não-ser, povos e comunidades do Sul global assistem à conversão das suas comunidades, dos seus rios, lagos e florestas em infernos tóxicos de degradação ambiental. Estes povos e comunidades, que não cabem na estreita margem do um por cento que detém a riqueza do mundo (Oxfam, 2017), constituem a enorme mole dos “danados da terra” (Fanon, 1961). Em oposição a esta proposta de violência destrutiva, um pouco por todo o Sul global acentuam-se as propostas que defendem outras formas de ser e estar no mundo. Assumindo o movimento e a relação de reciprocidade como a categoria ontológica e epistemológica fundamental, a existência é entendida como “ser-sendo”. Esta proposta assenta numa flexibilidade orientada para o equilíbrio e para a harmonia no relacionamento entre seres humanos, e entre os últimos e o mais abrangente ser-sendo ou natureza.

Os profundos impactos destas crises exigem uma reflexão profunda sobre as lutas culturais, ecológicas e epistemológicas e os saberes emergentes que lhe estão associados que se vêm desenvolvendo em defesa de um outro projeto civilizacional em fermentação no Sul global. Reclamar outra forma de sentir e pensar a relação com a natureza, reconstituindo o território do ponto de vista ontológico é um objetivo central às Epistemologias do Sul. Fundamental aqui é a promoção de interconhecimento, a partir da tradução intercultural ancorada nas práticas e objetivos dos movimentos envolvidos nestas lutas (Santos, 2018). Esta tradução, a partir de uma reflexividade assente nas práticas sociais, está a germinar uma consciência profunda, nos vários locais de luta, a partir da cólera/danação pela perda e pelos riscos que qualquer das lutas exige. O argumento central é o da urgência de uma abordagem mais inclusiva às lutas pelo ambiente, pela vida, pela terra, água e florestas no Sul global que reconheça múltiplas subjetividades, agências e práticas (Santos, Meneses e Nunes, 2004). A articulação local-global enquanto articulação de poder e saber sugere

uma aposta profunda de renovação democrática em diferentes níveis de busca de por um outro sentido de ser e de saber, ou seja, um desafio ontológico e epistemológico responsável. Neste contexto, a descolonização da economia do conhecimento como um todo e das disciplinas que conformam a universidade moderna são fundamentais (Santos, 2017; Connell, 2018).

O último grande tema está, pois, intimamente articulado aos anteriores e tem a ver com a democratização dos saberes, com a descolonização do moderno projeto universitário. Como alguns autores sublinham, descolonizar a universidade significa “ocupar” o conceito e a forma com outras formas de ser e de conhecer; descolonizar a universidade é apostar numa nova compreensão da ontologia, epistemologia, ética e política. Num dos seus trabalhos recentes Boaventura de Sousa Santos analisa as duas principais lutas que têm marcado a universidade nas últimas décadas: as lutas sociais pelo direito ao ensino universitário, que colocaram em causa a legitimidade da própria universidade, por um lado, e, por outro, a pressão global crescente a que a universidade é sujeita no sentido de se adaptar e submeter aos critérios de relevância e eficácia do capitalismo global (Santos, 2017). Se o sucesso da primeira luta levou à ampliação do acesso à universidade, o corpo docente e os *curricula* ou os programas não foram alvo de grandes reformas. O paradoxo resultante, como o autor sublinha, tornou mais visível a discriminação racial, étnico-cultural, religiosa e sexual nos processos e nos conteúdos de ensino-aprendizagem. Por outro lado, ao submeter-se aos ditames do capitalismo, o compromisso da universidade com o colonialismo e o patriarcado torna-se também cada vez mais visível. Como vários autores apontam, os debates sobre o conhecimento do “espaço colonial” nas universidades modernas continuam a estar, na maioria dos casos, reféns de conceitos e perspectivas lineares eurocêntricas, extremamente resilientes. Ou seja, reféns dos saberes guardados nas bibliotecas coloniais, bibliotecas que negam qualquer possibilidade de uma racionalidade e história plurais (Mudimbe, 1988: 208), reforçando a centralidade dos saberes produzidos do lado metropolitano da linha abissal. Confrontadas com os desafios de “descolonizar a universidade”, os movimentos que lutam pelo alargamento do acesso à universidade e pela transformação do seu conteúdo curricular sentem-se frustrados, sobretudo nos contextos do Sul (Meneses, 2016). Aqui, como Boaventura de Sousa Santos mostra (2017), a dominação capitalista esteve sempre diretamente ligada à dominação colonial, sendo a universidade a principal justificação ideológica de tal ligação. O movimento do capitalismo global para transformar a universidade num valor de mercado que produz outros valores de mercado faz com que estes

desafios de mudança sejam extremamente limitados no seu alcance. Como consequência, o pensamento crítico mais inovador produzido sobre o Sul, no campo das ciências sociais, nas últimas décadas, não tem encontrado um eco significativo no ensino universitário. Esta realidade é sinal de como o colonialismo epistémico e cultural impede o Sul global de representar o mundo como seu.

Estas reflexões conjugam-se para explicar o argumento base deste volume, que é de que não existe justiça global sem uma justiça cognitiva global — a imaginação de futuros anteriormente imaginados. Longe de procurarmos apresentar as Epistemologias do Sul como um corpus teórico único, os autores e autoras claramente afastam-se desse propósito, mostrando que, o que necessitamos é, de facto, uma alternativa teórica feita a partir de várias lutas, de várias cosmologias alternativas, algumas emergentes, outras procedentes de uma história mais longa, mas silenciada (Santos, 2014). No entanto, este volume ousa delinear trajetórias para um pensamento outro, talhando um espaço para si próprio que possibilita ao pensamento (re) ligar-se com a vida e caminhar atentamente espantosa diversidade de formas de conhecimento daqueles cujas experiências deixaram de ser legíveis à luz do conhecimento eurocêntrico. O propósito comum dos autores e autoras que integram este volume é desmarginalizar o Sul global em relação ao conhecimento “moderno, eurocêntrico”, garantido assim que os conhecimentos produzidos pelo Sul global são parte integral de um mundo multifacetado, com vários centros de produção de conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

- Bidaseca, K. 2017 *La Revolución Será Feminista o No Será: La piel del arte feminista descolonial* (Buenos Aires: Prometeo).
- Bidaseca, K. 2018 *La Amnesia del Imperio, los Muros del Apartheid y el Ancho más de las Estrellas* (Buenos Aires: SB).
- Chakrabarty, D. 2000 *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference* (Princeton: Princeton University Press).
- Connell, R. 2018 “Decolonizing Sociology” in *Contemporary Sociology*, Nº 47(4), pp. 339-407.
- Connor, P. e Krogstad, J. M. 2016 “Key Facts about the World’s Refugees 2016” em <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/10/05/key-facts-about-the-worlds-refugees/>> acesso 2 de outubro de 2018.
- Escobar, A. 2018 *Designs for the Pluriverse: Radical interdependence, autonomy, and the making of worlds* (Durham, NC: Duke University Press).

- Fanon, F. 1961 *Les Damnés de la Terre* (Paris: Maspero).
- Gilbert, H. e Tompkins, J. 2002 “Body Politics” in *Post-Colonial Drama. Theory, practice, politics* (Londres: Routledge) pp. 203-255.
- Masolo, D. A. 2014 “Filosofia y Conocimiento Indígena: Una perspectiva africana” in Santos, B. de Sousa e Meneses, M. P. (ed.) *Epistemologías del Sur (perspectivas)* (Madrid: Akal) pp. 517-537.
- Meneses, M. P. 2009 “Justiça Cognitiva” in Cattani, A. et al. (ed.) *Dicionário Internacional da Outra Economia* (Coimbra: Almedina) pp. 231-236.
- Meneses, M. P. 2016 “As Ciências Sociais no Contexto do Ensino Superior em Moçambique: Dilemas e possibilidades de descolonização” in *Perspectiva*, Nº 34(2), pp. 338-364.
- Mudimbe, V. Y. 1988 *The Invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge* (Bloomington, IN: University of Indiana Press).
- Oxfam 2017 *An Economy for the 99%* (Londres: Oxfam). Disponível em <[https://d11tn3vj7xz9fdh.cloudfront.net/s3fs-public/file\\_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-en.pdf](https://d11tn3vj7xz9fdh.cloudfront.net/s3fs-public/file_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-en.pdf)> acesso 2 de outubro de 2018.
- Santos, B. de Sousa 1987 *Um Discurso sobre as Ciências* (Porto: Afrontamento).
- Santos, B. de Sousa 1995 *Toward a New Common Sense: Law, science and politics in the paradigmatic transition* (Nova Iorque: Routledge).
- Santos, B. de Sousa 2014 *Epistemologies of the South. Justice against Epistemicide* (Abingdon: Routledge).
- Santos, B. de Sousa 2017a *Decolonizing the University. The challenge of deep cognitive justice* (Cambridge: Cambridge Scholars).
- Santos, B. de Sousa 2017b “The Resilience of Abyssal Exclusions in Our Societies: Toward a post-abyssal law” in *Tilburg Law Review*, Nº 22, pp. 237-258.
- Santos, B. de Sousa 2018 *The End of the Cognitive Empire: The coming of age of Epistemologies of the South* (Durham, NC: Duke University Press).
- Santos, B. de Sousa; Meneses, M. P. e Nunes, J. A. 2004 “Introdução. Para ampliar o cânone da ciência: A diversidade epistémica do mundo” in Santos, B. de Sousa (ed.) *Semear Outras Soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais* (Porto: Afrontamento) pp. 19-101.

- Spivak, G. C. 1985 "Subaltern Studies: Deconstructing Historiography" in Guha, R. e Spivak, G. C. (ed.) *Selected Subaltern Studies* (Nova Iorque: Oxford University Press) pp. 3-32.
- Spivak, G. C. 1988 *In Other Worlds. Essays in cultural politics* (Nova Iorque: Methuen).